

Resenhas

MÉSZÁROS, Istvan – *O Século XXI: socialismo ou barbárie?* São Paulo: Boitempo, 2003, 1ª edição.

O Século XXI: socialismo ou barbárie? é um opúsculo que traz, em linguagem acessível ao grande público, uma continuação, um complemento e um aprofundamento de parte das reflexões expostas em *Para Além do Capital*, obra máxima de Istvan Mészáros. No primeiro, o autor oferece-nos, como sugere o título do seu livro, uma alternativa (o socialismo) contrária ao caminho de mão-única propalado pelos neocambistas como, a exatidão e a benevolência do mercado livre e para todos.

Utilizando as duras, mas para Mészáros, necessárias ferramentas do construto científico da economia política de Marx/Lukács, ele mostra a importância das mesmas para não apenas analisar a caótica realidade do sistema capitalista, mas com o propósito de colocar o “novo” no lugar do “velho”, ainda mais quando este último já se encontra submerso em contradições insolúveis criadas por sua própria natureza reprodutiva.

Para Mészáros é imperativo à humanidade em geral e ao trabalho em particular, sobretudo nos países e continente pobres, entender o socialismo como um caminho seguro para erigir uma sociedade definitivamente voltada para a afirmação da plenitude do ser humano. Esse intento só será possível se de fato ocorrer a negação das instituições que sustentam e viabilizam a reprodução do capital. “Naturalmente, tal confrontação só será viável por meio de uma alternativa radicalmente diferente do impulso do capital em direção à globalização imperialista/monopolista, no espírito do projeto socialista, corporificado num movimento progressista de massa” (p. 13). Esta mensagem percorre todos os capítulos do seu livro funcionando como um *moto continuum* de críticas destruidoras ao histórico e atual ambiente social (mundial) e de propostas radicais de construção de uma nova sociedade, erigida pela e para a vida.

Outro exemplo dessa empreitada está literalmente exposto no capítulo 1: *Capital: a Contradição Viva*. Depois de discriminar várias contradições do regime do capital tais como: “produção e consumo; produção e controle; produção e circulação; competição e monopólio; etc.” – que independentizam o capital em detrimento da maior degradação social do conjunto da humanidade – afirma que: “É absolutamente inconcebível superar qualquer uma dessas contradições, muito menos esta rede inextricavelmente combinada, sem ins-

tituir uma alternativa radical ao modo de controle do metabolismo social do capital” (p. 20).

Todavia, as sugestões contidas no primeiro capítulo seriam vazias se não apontassem para uma reação de libertação de regiões e povos oprimidos pelas propostas e imposições de consensos que muito pouco ou nada teve – ou tem haver – com as diversas e complexas realidades nacionais. Para Mészáros tais consensos impõem a “democracia” modelada pelo consenso político entre democratas e republicanos dos Estados Unidos.

Para os que insistem na vazia defesa do fim do Estado e da supremacia do mercado, este instigante opúsculo traz uma observação desmistificadora de que “apesar de todos os protestos... combinados com fantasias neoliberais... o sistema do capital não sobreviveria uma única semana sem o forte apoio que recebe do Estado” (p. 29).

No capítulo 2, *A Fase Potencialmente Fatal do Imperialismo*, Mészáros coloca a nu os limites do império norte-americano. O faz através de um resgate de vários fatos históricos que culminaram com a decadência do Império Britânico e a ascensão do norte-americano, onde já estava clara a proposta do grande projeto de alinhar o mundo econômico, política e ideologicamente às necessidades de Washington, pretensão, ademais, explícita no discurso de posse do presidente Franklin Roosevelt em 1933.

Diferente do passado, Mészáros coloca que “hoje, pelo contrário, em vez do melhor discurso dos anos do ‘New Deal’, somos bombardeados com discursos da pior espécie: uma camuflagem cínica da realidade que apresenta os mais gritantes interesses imperialistas dos Estados Unidos (...) [(p. 41)]. Estas são as propostas dos Estados Unidos com as quais almejam atingir a representação do “Estado do sistema do capital”.

Não tendo mais a guerra fria como álibi para impor ao mundo um padrão de sociedade insustentável e falida, os Estados Unidos inventam ofensivas militares preventivas para reprimir algo que, de acordo com sua paranóia de defesa do mundo, ainda está por vir. Os exemplos efetivados até agora são: o Iraque e o Afeganistão. Nesta fila encontram-se o Irã e a China. Esta vem a ser o “alvo último da projetada ‘estratégia americana de ataques preventivos’” (p. 68).

No capítulo 3, *Os Desafios Históricos Diante do Movimento Socialista*, Mészáros aponta um caminho para obstaculizar a degenerativa fluência do imperialismo global norte-americano. Coloca no epicentro da transformação da sociedade as classes trabalhadoras e produtoras, sobretudo a norte-americana que elegeu como elemento primordial à destruição da atual ordem imperial da sociedade americana, pois “nenhuma potência militar ou política da terra seria

capaz de realizar de *fora* o que só pode ser feito de *dentro* por um movimento que ofereça uma alternativa positiva para a ordem existente nos Estados Unidos”. (p. 82).

O autor adverte que parte do sindicalismo internacional buscou refúgio “no canto da sereia” do keynesianismo. Ademais, revela que hoje “as forças radicais do socialismo estão fortemente tolhidas por um keynesianismo de esquerda vago e otimista em que a magia da palavra *desenvolvimento* ocupava a posição central” (p. 95). Para Mészáros o keynesianismo é por sua própria natureza conjuntural e foi incapaz de banir o movimento cíclico de *stop and go*, antes se limitou à administração deste movimento.

Para Mészáros, a pluralidade dos capitais inviabilizou a unidade internacional do trabalho. Por esta razão, o esforço de unificação do trabalho deverá ser buscado sob todas e quaisquer circunstâncias como ação prioritária devido a dois fatores: Em primeiro lugar, “o capital não vai ajudar nem fazer tamanho ‘favor’ à classe trabalhadora” (p. 99); em segundo lugar, esta terceira fase do imperialismo é “potencialmente a mais mortal” caso os desafios históricos postos diante do movimento socialista não sejam enfrentados com sucesso.

Este é um livro crítico ao modo de produção capitalista, soldando, assim, a certeza de que os cientistas voltaram a discutir o caos do capitalismo neoliberal com propostas de rupturas e não de reformas. Estas, sempre que foram colocadas em prática fortaleceram o *status quo* do regime e o “metabolismo social do capital”.

Denilson da Silva Araújo

Professor Adjunto I

Departamento de Economia da UFRN